

INDÍCIOS DE RELIGIOSIDADE IMPLÍCITA EM TEXTOS DE NATUROLOGIA NO BRASIL

Fábio L. Stern*

Resumo: Em sua etnografia da Naturologia, Teixeira (2013a) declarou que a área derivou do movimento da Nova Era. Contudo, enquanto as curas da Nova Era se caracterizam pela confluência entre espiritualidade e o terapêutico, os naturólogos negam que seu campo de saber possua uma natureza religiosa – apesar de praticarem medicinas energéticas e reconhecerem uma dimensão espiritual no processo de cura. Em vista disso, o presente artigo partiu do pressuposto de que o que haveria de religioso na Naturologia estaria, então, implícito. Assim, foi empregada a metodologia de análise de Benthall para verificar se haveria indícios de uma religiosidade implícita nas produções dos CONBRANATU de 2012 e 2013. Foram encontrados 13 dos seus 19 critérios nas produções analisadas, reforçando as evidências de que haja uma religiosidade implícita na Naturologia do Brasil.

Palavras-chaves: Religião implícita; religião secular; parareligião; Naturologia.

Abstract: In his ethnography of Naturology, Teixeira (2013a) stated that the area derived from the New Age movement. However, while the New Age healing is characterized by the confluence of spirituality and therapy, the naturologists deny that their area of knowledge has a religious nature – despite practicing energetic medicines and recognizing a spiritual dimension in the healing process. In light of this, this article started from the premise that the religious aspect in Naturology would then be implied. Therefore, it was employed the Benthall's methodology of analysis to verify whether there was evidence of an implicit religion in CONBRANATU productions of 2012 and 2013. It was found 13 of his 19 criteria in the analyzed productions, reinforcing the evidence that there is an implicit religion in the Naturology of Brazil.

Keywords: Implicit religion; secular religion; parareligion; Naturology.

INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento no Brasil, a Naturologia declara que há uma dimensão energética à terapia (RODRIGUES, 2012; TEIXEIRA, 2013a). Essas curas energéticas – explicadas por termos como aspecto sutil, arquétipo, *prāṇa*, *qi*, orgônio etc. – indicariam um pano de fundo religioso à área. Contudo, embora alguns naturólogos produziram artigos

* Mestre e doutorando em Ciências da Religião (PUC-SP), caohim@gmail.com

demonstrando paralelos entre seu processo terapêutico e espiritualidade¹, nunca foi feito nenhum estudo que verificasse especificamente o lado religioso da Naturologia por si.

A percepção de que há um fundo religioso à Naturologia não é nova. Em sua tese de doutorado, Silva (2012, p. 62) declarou que “é possível pensar a Naturologia por muitas perspectivas e vincular este saber a vários campos”, dos quais a espiritualidade foi um dos exemplos listados por ela. Também Teixeira (2013a), em sua etnografia da área, concluiu que a Naturologia derivou da Nova Era. Porém, conforme diferencia, “se o movimento da Nova Era pode ser caracterizado pela confluência entre religioso e terapêutico, os naturólogos negam ao campo de saber naturológico um caráter esotérico, místico ou religioso” (p. 107), o que demonstra que esse “algo religioso” estaria, por consequência, implícito à Naturologia.

Dessa forma, objetivou-se investigar a ocorrência de elementos de religiosidade implícita nos textos submetidos às edições de 2012 e 2013 do Fórum Conceitual de Naturologia (FCN) e da Jornada de Estudo do Simbolismo da Naturologia (JESN). Foram avaliados todos os *papers* apresentados no III FCN e três dos quatro *papers* expostos² no IV FCN, além de todas as submissões de símbolos da JESN. Esse material foi produzido por naturólogos e pesquisadores em Naturologia e expostos nos Congressos Brasileiros de Naturologia (CONBRANATU) após serem selecionados por um comitê científico. Portanto, podem ser considerados materiais de relevância para a área.

O termo *religiosidade implícita* foi cunhado em 1969 por Bailey para se referir as motivações de sujeitos ou corpos sociais explicitamente não religiosos e suas convicções (ou pontos críticos) inabaláveis. Em um de seus textos, Bailey (2009) traz três definições não excludentes do que seria religiosidade implícita: (1) sentimento pré-consciente/subconsciente de comprometimento; (2) focos de integração comunitária que convidam à consideração de níveis intraindividual e interindividual; e (3) preocupações intensas de efeitos amplos – em outras palavras, ideias fixas que se estenderiam até o cotidiano, além de seu domínio imediato (p. ex.: um passatempo que apresente perfil de religiosidade implícita influenciaria outros campos da vida do sujeito, gerando preocupações que iriam além da dimensão do lazer).

Desde então, a categoria vem evoluindo, recebendo novas aplicações e definições. Se por um lado alguns autores criam inúmeros requisitos para se considerar algo religioso, outros são mais brandos; como Nesti (2005), quem comenta que no bojo das religiosidades implícitas se encontra uma pletera de termos próximos – como *religião invisível*, *religião comum*, *religião substituta*, *religião civil*, *religião secular*, *quasirreligião* e *pararreligião* –,

¹ Destacam-se aqui Arruda e Turrini (2012) e Longo (2014).

² Descartei um dos *papers* do IV FCN porque eu mesmo fui o autor dele.

cada qual com suas particularidades, mas que se refeririam, no fim, a fenômenos semelhantes: o que se parece com religião, mas não é; e aquilo que não parece, mas é religioso.

No presente estudo, optou-se trabalhar com a proposta de Benthall (2008, p. 64, tradução minha³) pela preocupação do autor pelo “número de movimentos ostensivamente seculares que não podem ser devidamente compreendidos sem se levar em conta seus aspectos parareligiosos” – como é o caso da Naturologia. Benthall traça um critério com 19 categorias não inexpugnáveis de análise; ou seja, ele está mais preocupado com a reflexão gerada por cada um desses itens do que com uma busca por seus significados literais. Segundo sua metodologia, quanto mais desses parâmetros um objeto apresentar, mais religioso ele seria. Os critérios são: (1) apelo ao metaempírico; (2) apelo a um mundo utópico; (3) crenças/discursos totalizantes; (4) explicação do lugar do ser humano no mundo; (5) narrativas de fundação; (6) conversão; (7) aceitação do paradoxo doutrinal; (8) rituais; (9) escatologia e acalento frente à morte; (10) martírio; (11) explicação da origem do mal; (12) altruísmo; (13) interiorização de um código moral; (14) sectarismo; (15) identidade política; (16) distinção entre sagrado e profano; (17) estados extáticos de consciência; (18) missionarismo; e (19) tradição⁴.

Por fim, ressalta-se que segundo os parâmetros de Gil (2002), essa é uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de abordagem predominantemente qualitativa. Reconhece-se que a pesquisa de campo para o estudo de religiões implícitas oferece dados que não são acessíveis somente por levantamentos bibliográficos. Contudo, visto que até o momento nenhuma pesquisa visando o estudo da espiritualidade da Naturologia foi feita, o levantamento bibliográfico se apresenta como um método exploratório válido, permitindo dados de base para futuras pesquisas sobre o assunto.

1. A NATUROLOGIA

Há grande dificuldade em se definir o que é Naturologia, até mesmo entre naturólogos, conforme demonstrou Souza (2012) e Silva (2012). Apesar da Naturologia, no Brasil, ter surgido em ambiente acadêmico, em seus 20 anos foram publicadas poucas produções que se debruçaram especificamente sobre suas questões epistemológicas. Além da

³ “A number of ostensibly secular movements cannot be properly understood without consideration of their parareligious aspects”, no original.

⁴ Benthall utiliza o termo “pátina”, intencionando algo envelhecido com o tempo. Em oposição aos direitos autorais, que desejam ser algo inédito, o autor comenta que as religiões alegam ser a continuidade de algo anterior. Tanto que os novos movimentos religiosos podem declarar que são mais antigos do que objetivamente o são em busca da legitimidade social. Para maiores informações a respeito disso, cf. Guerriero (2006).

tese de Silva (2012) e da dissertação de Teixeira (2013a), os *papers* apresentados nas duas últimas edições do FCN são as principais obras que abordam objetivamente o que é a Naturologia; além de alguns artigos que proporcionaram avanços teóricos no conhecimento em Naturologia. Seu primeiro e único periódico científico foi fundado no ano passado, possuindo apenas três números publicados até o fechamento desse artigo. E seu primeiro livro acadêmico⁵, uma compilação de artigos de professores e alunos, foi lançado pela UNISUL somente uma década após a fundação do curso na instituição.

Grosso modo, a Naturologia no Brasil surgiu em Curitiba como um curso de terapias naturais e complementares da Faculdade Espírita Dr. Bezerra de Menezes em 1994. Contudo, reduzi-la hoje a uma graduação seria um equívoco. Em 1998, em resposta à demanda mercadológica por um profissional qualificado que trabalhasse com essas terapias, a UNISUL abriu seu curso de Naturologia na Grande Florianópolis, seguida em 2002 pela UAM de São Paulo (SILVA, 2012; TEIXEIRA, 2013a). Diferentemente da Faculdade Espírita, as coordenações dos cursos da UNISUL e da UAM trabalharam desde o início pelo reconhecimento do MEC, buscando consolidar o curso acadêmico. Além disso, conforme as primeiras turmas se formaram, seus sujeitos buscaram transcender a condição de apenas pertencerem a um bacharelado incomum, trabalhando pela legitimação de sua profissão.

Em busca de uma identidade própria, a Naturologia procura se distanciar de outras profissões da saúde que empregam terapias naturais e complementares, desenvolvendo uma forma própria de entender essas práticas. De acordo com Teixeira (2013a), essa abordagem terapêutica diferenciada é chamada de *interagência*, categoria êmica da área que vem sendo criada desde sua fundação. A *interagência* pressupõe que o processo terapêutico só acontece se houver uma relação horizontal entre o naturólogo e o *interagente* – termo para se referir àquele que busca seus serviços. Para a Naturologia, o terapeuta é apenas um facilitador, sendo o interagente o maior responsável pela manutenção de seu estado de saúde. Segundo Barros e Leite-Mor (2011, p. 10-11), “não cabe ao naturólogo, que coloca-se transversalmente na relação, explicar o processo de saúde-doença do outro, pois esta seria a expressão de uma relação verticalizada, onde um profissional detém o conhecimento e o poder superior”. Essa fala, retirada de um dos artigos mais citados por naturólogos sobre o que é Naturologia, permite notar que o discurso naturológico se opõe ao modelo médico dominante, além de criticar o papel passivo do doente na relação médico-paciente.

⁵ Cf. Hellmann, Wedekin e Dellagiustina (2008). Há pelo menos outro livro de Naturologia anterior a esse, porém que não seguiu os critérios acadêmicos básicos e que, por isso, foi recolhido pela editora da UNISUL.

Ainda que a fala de Leite-Mor possa soar familiar a outras formas de terapias naturais, em especial oriundas da Nova Era, o grande diferencial da Naturologia é sua origem universitária focada para essas práticas. Diferente de um médico, fisioterapeuta, enfermeiro ou psicólogo que estudou poucas horas⁶ para adquirir conhecimento técnico em determinada prática, ou ainda de um novaerista que adquiriu seus conhecimentos fora da academia através de vivências e oficinas, o naturólogo é um bacharel que se dedicou pelo menos 9 semestres especificamente para trabalhar com essas terapias.

Por um tempo, os textos de Naturologia tenderam a considerar que suas bases filosóficas derivariam da seguinte tríplice: medicina chinesa, *āyurveda* e medicina xamânica (HELLMANN; WEDEKIN, 2008; RODRIGUES, 2012); apesar desses sistemas não suporem necessariamente que os enfermos tenham um papel ativo no processo de cura. Embora isso nunca fora axiomático⁷, os discursos sobre Naturologia – em especial os de Santa Catarina – propenderam a se utilizar dessa tríade em suas autodefinições até pelo menos o início da década de 2010, sem maiores reflexões ou questionamentos.

Esse quadro começou a mudar a partir do II FCN, de 2010. Os FCN são fóruns públicos que ocorrem concomitantes ao CONBRANATU e têm por objetivo proporcionar discussões epistemológicas em Naturologia. Até sua segunda edição, essas discussões não seguiam uma metodologia acadêmica. O I FCN ocorreu como uma consulta pública em um intervalo do CONBRANATU de 2009. Passou-se um microfone aos presentes que desejavam opinar, e então se compilaram as respostas colhidas no que veio a ser a primeira definição oficial da área⁸. Após se notar a deficiência desse conceito inicial, um novo FCN foi efetuado em 2011, e Teixeira, um dos naturólogos presentes, criticou seu formato informal, sugerindo que as futuras discussões epistemológicas deveriam ser feitas por via de produções

⁶ Em média, os cursos de aprimoramento profissional em terapias naturais são ministrados em finais de semana e possuem poucas horas-aulas. No geral, a carga horária desses cursos não ultrapassa 20 horas, sendo que muitos deles são feitos em apenas um encontro. Uma exceção são os cursos de pós-graduação *lato sensu*, que tendem a ter cerca de 400 horas-aulas, mas que são a minoria.

⁷ A primeira grade curricular da Naturologia já trazia disciplinas como Anatomia, Fisiologia, Genética, Embriologia, Neurofisiologia, Primeiros Socorros, Farmacologia e Psicofarmacologia, possuindo também fortes bases nas ciências biológicas do Ocidente. Além disso, desde seu primeiro projeto curricular outras terapias complementares, como a medicina antroposófica, fizeram parte das formações em Naturologia no Brasil, assumindo um papel tão relevante quanto – e em alguns casos até maior que – a medicina chinesa, a *āyurveda* ou a medicina xamânica. Deve-se ressaltar também que é possível a um naturólogo trabalhar sem se utilizar de nenhuma dessas três medicinas tradicionais, e nem por isso sua interagência será considerada menos naturológica pelos outros profissionais do meio.

⁸ Silva (2012, p. 47) traz essa primeira definição em sua tese: “A Naturologia é um conhecimento transdisciplinar que atua em um campo igualmente transdisciplinar. Caracteriza-se por uma abordagem integral na área da saúde pela relação de interagência do ser humano consigo, com o próximo e com o meio ambiente, com o objetivo de promoção, manutenção e recuperação da saúde e da qualidade de vida”. Como se pode notar, esse primeiro conceito era tão amplo e inclusivo que era virtualmente impossível distinguir a Naturologia de várias outras áreas que também se utilizam dessas terapias.

acadêmicas, como normalmente ocorre nas outras áreas. Assim, a partir de 2012 os FCN passaram a acontecer anualmente, e suas mesas-redondas a serem feitas por meio de *papers* submetidos previamente a um comitê científico. Os selecionados para apresentação, além de expostos no CONBRANATU, são também publicados em seus anais.

Além disso, a mobilização de esforços frente à regulamentação e inclusão da Naturologia no catálogo nacional de ocupações pela aprovação da PL 3804/2012 fez com que surgissem as JESN, que buscam elaborar o símbolo oficial pelo qual a área será reconhecida. As duas primeiras edições da JESN aconteceram em 2012 e 2013 respectivamente. Ao todo, nove trabalhos foram produzidos, e cada artista participante, além de submeter a arte de seu símbolo, também elaborou um texto explicativo. Todas as artes e textos apresentados nas JESN foram criações de naturólogos ou estudantes de Naturologia, portanto representam as agendas e visões de mundo dessa população.

Deve-se pontuar uma distinção importante na característica das obras do FCN e da JESN. Embora ambos os eventos ocorram encadeados, os textos das JESN tendem a ser mais poéticos, representando a visão de mundo do naturólogo em seu nível mais basal, simples, informal e íntimo. Estão repletos de termos que talvez pareçam confusos ou incoerentes ao leitor de fora. Em contrapartida, as produções do FCN possuem um forte caráter acadêmico, traduzindo reflexões mais avançadas sobre o que é Naturologia pelos profissionais da área. Enquanto mais de três quartos dos textos do FCN foram produzidos por agentes que alcançaram o nível do *stricto sensu*, mais da metade dos autores da JESN sequer possuíam um currículo *Lattes* na data de suas submissões. Não somente, boa parte dos autores da JESN era formada por alunos que ainda não haviam concluído a graduação em Naturologia.

Se, por um lado, esses dados apontam à possível explicação do porque os textos da JESN possuem uma relevância acadêmica menor frente aos *papers* do FCN⁹, para os objetivos desse trabalho eles possuem um peso significativo. Se de fato os textos do FCN parecem responder melhor à pergunta “o que é a Naturologia”, as submissões da JESN permitem se extraírem dados importantes sobre “quem é o naturólogo” que não estão presentes nas produções mais acadêmicas do FCN. Essa distinção é relevante, pois reflete a frequência (ou ausência) dos critérios de Benthall observados nas produções de cada um dos grupos, conforme se discutirá a seguir.

⁹ Embora eles tenham influenciado diretamente as decisões da Sociedade Brasileira de Naturologia frente à elaboração do símbolo oficial da área, até hoje não há registros de nenhum texto sobre Naturologia que cite qualquer uma das produções da JESN.

2. OS CRITÉRIOS ENCONTRADOS NAS PRODUÇÕES DO FCN

Não se procurou o significado último de cada critério. Benthall (2008) descreve que seu método não busca a metateoria de cada item, mas sim as reflexões que deles podem surgir. Dessa forma, não se preocupou com a coerência dos critérios na argumentação dos textos ou as imbricações que os critérios teriam sobre as colocações de cada autor. Buscou-se simplesmente a ocorrência dos critérios nos textos. Como a autora de um dos *papers* admite, “na prática nunca operamos a separação, nunca fizemos ciência sem política” (LEITE-MOR, 2012, p. 31). Sendo assim, presume-se que a escolha por determinado argumento em detrimento de outro reflete, simplesmente, a visão de mundo implícita dos naturólogos.

No total, dez dos dezenove critérios de Benthall foram encontrados nos textos dos FCN, o que equivale a 52,63% do total. Apenas um critério foi encontrado exclusivamente no III FCN, sem estar presente em algum *paper* do IV FCN: o *apelo ao metaempírico*. Todos os outros, listados na Tabela 1, foram observados em pelo menos um *paper* de cada edição do FCN. Em média, cada produção apresentou 28,57% dos critérios. Foram identificados pelo menos três critérios em cada texto, e o trabalho com o maior número de critérios distintos continha oito dos dezenove. Dos critérios detectados, cinco foram encontrados em mais da metade dos trabalhos: *apelo a um mundo utópico*, *interiorização de um código moral*, *aceitação do paradoxo doutrinal*, *sectarismo*, e *crenças/discursos totalizantes*; sendo que esse último foi observado, em maior ou menor grau, em todos os *papers* analisados.

Tabela 1 – Critérios de Benthall encontrados nas produções do FCN.

Critério	Edição do FCN em que se encontra	<i>Papers</i> que apresentam o critério
Apelo ao metaempírico	III	2 (28,57%)
Martírio	III e IV	2 (28,57%)
Explicação do lugar do ser humano no mundo	III e IV	3 (42,86%)
Narrativas de fundação	III e IV	3 (42,86%)
Identidade política	III e IV	3 (42,86%)
Apelo a um mundo utópico	III e IV	4 (57,14%)
Interiorização de um código moral	III e IV	4 (57,14%)
Aceitação do paradoxo doutrinal	III e IV	5 (71,43%)
Sectarismo	III e IV	5 (71,43%)
Crenças/discursos totalizantes	III e IV	7 (100%)

Fonte: elaboração do autor (2014).

Teixeira (2013a; 2013b) comenta que a abordagem integral do ser faz parte da compreensão dos processos de saúde da Naturologia. Sendo assim, é de se esperar que os naturólogos busquem explicações totalizantes para justificar seu paradigma holístico. Não há um consenso, tal qual se observa nessas produções, das explicações pelas quais a Naturologia fundamenta essa abordagem. Portella (2012) buscou explicar a integralidade através do modelo quântico de homem de Amit Goswami. Leite-Mor (2012) preferiu recorrer às mônadas de Gabriel Tarte. O pensamento complexo de Edgar Morin foi o ponto de partida tanto para Souza (2012) quanto para Silva (2013). E Pinto (2012) tomou como parâmetro a fenomenologia de Martin Heidegger.

Curiosamente Hanegraaff (1996, p. 119, grifo do autor, tradução minha¹⁰) também observa que apesar do holismo ser central à Nova Era, as compreensões do que ele é e como funciona são tão plurais que “a única coisa que comprovadamente une as muitas expressões de ‘holismo’ é sua oposição comum ao que são percebidas como visões *não* holísticas, associada à cultura antiga que o movimento da Nova Era visa substituir ou transformar”. Isso reforça a hipótese de Teixeira (2013a) de que a Naturologia teria derivado desse movimento. Assim como na Nova Era, dentre a pluralidade de teorias e autores referenciados se mantém implícito nos naturólogos um sentimento quase dogmático de aceitação da integralidade; ainda que se possa notar em algumas das produções analisadas o reconhecimento do paradoxo que a abordagem holística traz ao processo terapêutico. O reconhecimento desse paradoxo doutrinal aparece tanto na exposição de suas limitações nos *papers* quanto na constatação de que nem todos os naturólogos cultivam uma abordagem integral de saúde – seja por não conseguirem ou por não desejarem se desligar do modelo cartesiano reducionista¹¹.

Dessa forma, a *aceitação do paradoxo doutrinal*, critério presente em 71,43% dos textos, apareceu com sua problemática ressaltada nos *papers* do FCN. O paradoxo foi discutido, mas seus questionamentos trouxeram indícios de que os naturólogos, de fato, convivem com ele em seu cotidiano sem maiores conflitos, conforme é de se esperar, pelo critério de Benthall (2008), em casos de religiosidade implícita. Silva declarou (2013, p. 21), ao debater sobre o *sectarismo* do “povo da alma” e o “povo da ciência” (sic), que “o que une a Naturologia é justamente o que mais se teme: a diversidade”. Ou seja, segundo a autora,

¹⁰ “The only thing which demonstrably unites the many expressions of ‘holism’ is their common opposition to what are perceived as *non*-holistic views, associated with the old culture which the New Age movement seeks to replace or transform”, no original.

¹¹ A superação do modelo cartesiano é algo central para as curas da Nova Era e aparece como algo importante na Naturologia. Para maiores informações sobre essa abordagem na Nova Era, *cf.* Hanegraaff (1996). Para a discussão na Naturologia, *cf.* Silva (2012). O livro de Hellmann e Wedekin (2008) também é uma referência para esse debate pela Naturologia, embora já seja considerada uma obra desatualizada pelos naturólogos.

visando a construção de sua identidade, a Naturologia recorre à pluralidade como a ferramenta de coesão de seus discursos, o que, no fim, acaba dificultando a consolidação de uma identidade singular e também do próprio holismo.

No *paper* de Leite-Mor, pode-se encontrar um exemplo mais claro de como o paradoxo é articulado pelos naturólogos:

Onde situar a Naturologia academicamente? Ela é ciência natural ou ciência humana? Se levarmos a sério nossos interlocutores e assumirmos um não-dualismo ontológico como base, vamos reconhecer: não precisamos escolher entre um e outro. Não precisamos classificá-la. Já ela é ambos e nenhum dos dois simultaneamente. Parece contraditório? Pois é, a bela contradição que reproduzimos se continuarmos pensando como modernos, um mundo em duas câmaras (LEITE-MOR, 2012, p. 35).

O *sectarismo*, presente em 71,43% dos *papers*, foi especialmente destacado nos textos de Portella (2012; 2013). Portella foi o único naturólogo que expôs em ambos os FCN analisados. Embora seus *papers* possuam características distintas (no de 2012 há um apelo ao metaempírico não evidente em sua produção de 2013), ambos contêm a defesa mais forte dentre todos os textos de que a Naturologia deve se distinguir ativamente de outras áreas. No seu *paper* de 2012, o *sectarismo* aparece como uma provocação aos naturólogos:

A Naturologia, para ser considerada algo palpável, deve ter uma identidade. Esta deve ser algo que a diferencie de qualquer outra coisa, que a torne única no campo de seu conhecimento e sua contribuição para o mundo, suas bases devem ser claras e bem definidas dentro daquilo que forme a identidade do naturólogo (PORTELLA, 2012, p. 38).

Sua tentativa de esboçar essas bases naturológicas no III FCN através do modelo quântico de homem de Amit Goswami – o que, por si, pode ser problematizado – levou Portella a clamar por uma cosmologia própria à Naturologia no IV FCN. Conforme colocou, “fruto desta cosmologia e do ideal transdisciplinar, a Naturologia se diferencia de outras profissões da área da saúde principalmente por usar de um olhar integrativo sobre racionalidades distintas já durante sua formação” (PORTELLA, 2013, p. 50).

Ainda sobre esse critério, o *paper* de Leite-Mor (2012) apresentou um discurso que refletiu uma identidade política forte, mas os traços sectários nele encontrados foram mais sutis que em Portella. Quando Leite-Mor (p. 2012, p. 36, grifo da autora) provoca os leitores com as perguntas “Qual *ciência-política* a Naturologia quer fazer? Qual *política-ciência* a Naturologia quer fazer?”, implícita está a ideia de que o naturólogo faz ou deveria fazer essa *ciência-política/política-ciência* diferentemente da forma que hoje estaria posta, permitindo

outro paralelo entre a Naturologia e o movimento da Nova Era, que buscava se opor à cultura dominante entendida como ultrapassada (HANEGRAFF, 1996).

Esse ponto de confluência abre margem ao critério *apelo a um mundo utópico*, observado em 57,14% das produções. Nos textos, ele aparece com um clamor por um mundo no qual a Naturologia mude os modelos da área da saúde, servindo de vanguarda, dando conta da multiplicidade de fenômenos com os quais opera. Isso é claramente observado no texto de Souza (2012, p. 46) quando ela questiona: “Será que de fato estamos fazendo Naturologia lá fora? Será que de fato estamos mudando paradigmas em saúde?”. Souza deixa explícito com essas perguntas que, em sua opinião, fazer Naturologia é mudar esses paradigmas. No *paper* de Leite-Mor (2012, p. 31), o apelo a esse mundo utópico aparece de forma mais sutil. A naturóloga apenas ressalta que se “quer que eles [os naturólogos] operem na sua prática esses emaranhados de oposições e contradições. Quer que façam fisiologia e psicologia, medicina energética e patologia, anamnese e interagência”.

3. OS CRITÉRIOS ENCONTRADOS NAS PRODUÇÕES DA JESN

Foi possível identificar onze critérios de Benthall distintos nos textos explicativos dos símbolos das JESN, o que equivale a 57,89% do total de critérios existentes. O trabalho com o maior número de critérios em uma única produção também conteve oito critérios, a mesma quantidade encontrada no *paper* dos FCN com o maior número de critérios. Em média, cada produção possuía 26,9% do total de critérios. A breve diferença em relação aos valores encontrados nos *papers* dos FCN é estatisticamente irrelevante¹², permitindo concluir que os números encontrados nas produções de ambos os eventos são similares.

As *crenças/discursos totalizantes*, verificadas em todos os *papers* do FCN, não se mantiveram como o critério mais observado da JESN porque a obra de Guedes (2012) não recorreu a essa construção discursiva. No entanto o critério *tradição*, que não foi observado nos FCN, foi atestado em todas as propostas simbólicas submetidas às JESN. Possivelmente o motivo pelo qual os *papers* dos FCN não recorreram a esse critério é porque fundamentar algo simplesmente porque essa é a tradição não é bem uma postura acadêmica. Conforme se ressaltou antes, as produções dos FCN possuem um caráter mais acadêmico que os textos das JESN, até mesmo porque a maioria de seus autores havia atingido o nível do *stricto sensu* na ocasião das submissões. Com o nível acadêmico menor dos autores das propostas simbólicas

¹² Cf. Anderson, Sweeney e Williams (2005).

das JESN, não se notou tanto rebuscamento com a retórica. Como consequência, o critério *tradição* pode emergir nas entrelinhas.

Ao todo oito dos onze critérios encontrados na JESN também foram observados nos textos do FCN, conforme se pode visualizar na Tabela 2:

Tabela 2 – Critérios de Benthall encontrados nas produções da JESN.

Critério	Trabalhos que apresentam o critério	Também observado no FCN?
Identidade política	1 (11,11%)	Sim
Narrativas de fundação	2 (22,22%)	Sim
Aceitação do paradoxo doutrinal	2 (22,22%)	Sim
Explicação da origem do mal	2 (22,22%)	Não
Interiorização de um código moral	2 (22,22%)	Sim
Apelo a um mundo utópico	3 (33,33%)	Sim
Escatologia e acalento à morte	4 (44,44%)	Não
Explicação do lugar do ser humano no mundo	6 (66,66%)	Sim
Apelo ao metaempírico	8 (88,88%)	Sim
Crenças/discursos totalizantes	8 (88,88%)	Sim
Tradição	9 (100%)	Não

Fonte: elaboração do autor (2014).

Se, de fato, a hipótese de Teixeira (2013a) de que a Naturologia se originou do movimento da Nova Era estiver correta, era de se esperar que o campo contivesse uma inflação simbólica de origens diversas¹³. Isso se confirmou, visto que uma variedade de tradições foi evocada nos símbolos apresentados nas JESN, alinhavadas à visão de mundo dos naturólogos e ressignificadas para explicar as propostas apresentadas de acordo com o sentido que os autores queriam dar aos seus símbolos.

Cury (2012) citou desde antigas civilizações factíveis – como os egípcios, os essênios, os gregos, os indianos, os chineses e os tibetanos – até os míticos atlantes. Ebling (2012) falou de deuses da mitologia grega, do zen-budismo, de xamanismo siberiano, de daoísmo e da *kunḍalinī* das tradições iogues. Kornin (2012) evocou a ioga tântrica, a *āyurveda*, conceitos daoístas, a mitologia grega, a mitologia mesopotâmica, o xamanismo

¹³ Infelizmente o espaço não permite uma maior discussão sobre como o movimento da Nova Era emprega reinterpretções e ressignificações de sistemas simbólicos divergentes. Para um panorama geral, cf. Hanegraaff (1996). Para exemplos do quadro brasileiro, cf. D’Andrea (2000), Magnani (2000) e Oliveira (2010).

(tratado pelo autor no singular) e a Mãe Terra. Mori (2012) recorreu a mitos australianos, à Bíblia, à teologia agostiniana, ao mitraísmo e ao *fēngshuī*. Guedes (2012) baseou quase todo o seu símbolo no mito bíblico de Noé, mas faz também paralelos com o daoísmo. E o símbolo de Nascimento (2013) possuía um pano de fundo neopagão, com elementos proeminentes da dualidade feminino-masculino importante para a wicca¹⁴ e forte referência à numerologia.

Além disso, o uso recorrente de variações do caduceu, em todos os casos que ele apareceu, visou respeitar a tradição da utilização desse símbolo como representação da área da saúde. Isso pode ser observado no símbolo de Callis e Ribeiro (2012), de Kornin (2012), de Ebling (2012) e de Nascimento (2013). Callis e Ribeiro (2012, p. 2) assumem no texto que incorporaram o caduceu pela “figura [estar] presente em diversos cursos da área da saúde”. A assunção dessa perpetuação da tradição simbólica ficou bem clara na fala de Nascimento (2013, p. 2), que diz que “historicamente várias escolhas de saúde incorporam em seus símbolos a serpente (medicina, veterinária, podologia, farmácia, enfermagem, fisioterapia...), por esta razão não quis romper com esta tradição secular”.

O *apelo ao metaempírico*, observado em 88,88% das propostas das JESN, esteve mais presente nas JESN que nos *papers* dos FCN. Esse “metaempírico” recebeu diversos nomes pelos naturólogos. Para Guedes (2012) ele é Deus. Gonzalez (2013) o chamou de Ser Universal. Nascimento (2013) refere-se a ele como o Uno. Para Mori (2012, p. 4) esse metaempírico “pode ser Deus, um amor, uma arte, um principio, a consciência ou o próprio eu [*self*] do ser”. E Ebling (2012) e vários dos autores anteriormente citados também se referiram ao *dào* do daoísmo como essa dimensão.

A variedade de termos pelos quais a última expressão do *metaempírico* foi chamada pelos naturólogos também pareceu ir ao encontro do movimento da Nova Era. De acordo com Hanegraaff (1996), a forma mais comum de se entender o holismo entre os novaeristas é através do que o autor chamou de Holismo da Última Fonte:

Tal situação pode ser encarada como uma pirâmide hierárquica com a Fonte no topo e a diversidade crescente da manifestação “desdobrando-se” daquele Um Centro, ou alternativamente com a Fonte no centro e a manifestação irradiando para todos os lados, como os raios do sol (HANEGRAAFF, 1996, p. 128, tradução minha¹⁵).

A *explicação do lugar do ser humano no mundo* também foi um dos critérios que apareceram em mais da metade das propostas submetidas à JESN. De modo geral, os textos

¹⁴ Para maiores informações sobre a importância da dualidade feminino-masculino na wicca, cf. Adler (2006).

¹⁵ “This situation can be envisaged as a pyramid hierarchy with the Source at the top and the increasing diversity of manifestation ‘fanning out’ from that One Center or, alternatively, with the Source at the center and manifestation radiating to all sides like the rays of the sun”, no original.

dos naturólogos giraram em torno de esclarecer o papel do naturólogo e dos interagentes no universo como justificativa dos elementos de seus símbolos. Belchior (2012) diz que a função do naturólogo é a busca e expansão constante pelo conhecimento. Para Callis e Ribeiro (2012, p. 2), o ser humano é “um ser ecológico que vive num planeta o qual também devemos respeitar e cuidar”. Guedes (2012, p. 4) cita a aliança entre Deus e os seres humanos, e a função de guardião e mantenedor da criação: “[...] o ser humano que volta seu coração para o bem e que, portanto, anda com Deus, é a criatura que faz a ponte entre o céu e a terra”.

Tanto para Mori (2012) quanto para Cury (2012) o ser humano é um mediador entre planos celestiais/elevados e planos ctônicos/profundos. Cury (2012, p. 3) declara que “o coração do Homem [ser humano] é assim, o próprio ponto de encontro, de reconciliação dos opostos”, o que ele simbolizou por uma árvore. Cury ainda ressaltou o risco constante de se perder essa conexão, o que permitiria que o mal se manifestasse, gerando as doenças, sendo assim o autor que mais fala sobre a *explicação da origem do mal* nos trabalhos analisados:

Quando se perde o contato e a interagência e se perde nos dualismos e dicotomias. Estamos a cada instante sendo tentados a comer da Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal ou então saborear dos Frutos da Árvore da Vida. Estamos a cada instante no fio da navalha entre o mundo dual e o mundo da Unidade, o Jardim do Paraíso (CURRY, 2012, p. 4).

Por último, ressalta-se que a categoria *escatologia e o acalento à morte* aparece não como uma explicação das causas últimas da morte, mas como a afirmação de que a Naturologia é um caminho de acolhimento aos processos de luto e perda, visando à resiliência dos interagentes; algo que, inclusive, já foi tema de uma dissertação de mestrado no passado¹⁶. As quatro propostas de símbolo da JESN nas quais essa categoria pode ser observada tenderam a ressaltar a morte como uma etapa natural da vida, e a função da Naturologia em promover a aceitação da morte como uma parte integrante da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando pelos critérios de Benthall para religiosidade implícita nos textos da Naturologia, analisaram-se sete *papers* dos FCN e nove propostas simbólicas das JESN. Foram encontrados treze critérios de Benthall distintos nessas produções, o que equivale a 68,42% do total de critérios. Dos critérios encontrados, oito estiveram presentes tanto nas

¹⁶ Cf. Christofletti (2011).

produções do FCN quanto nas produções da JESN. Dois deles foram observados exclusivamente no FCN. Três foram observados apenas nas JESN. A Tabela 3 oferece um panorama dos resultados obtidos, organizados de acordo com a frequência de ocorrência:

Tabela 3 – Critérios de Benthall encontrados nas produções da Naturologia.

Critério	Número de trabalhos	Observado no FCN	Observado na JESN
Martírio	2 (12,5%)	sim	não
Explicação da origem do mal	2 (12,5%)	não	Sim
Escatologia e acalento frente à morte	4 (25%)	não	Sim
Identidade política	4 (25%)	sim	Sim
Sectarismo	5 (31,25%)	sim	não
Mitos de fundação	5 (31,25%)	sim	Sim
Interiorização de um código moral	6 (37,5%)	sim	Sim
Aceitação do paradoxo doutrinal	7 (43,75%)	sim	Sim
Apelo a um mundo utópico	7 (43,75%)	sim	Sim
Tradição	9 (56,25%)	não	Sim
Explicação do lugar do ser humano no mundo	9 (56,25%)	sim	Sim
Apelo ao metaempírico	10 (62,5%)	sim	Sim
Crenças/discursos totalizantes	15 (93,75%)	sim	Sim

Fonte: elaboração do autor (2014).

Os dados encontrados reforçam os indícios de que a Naturologia no Brasil possui uma religiosidade implícita de acordo com os critérios de Benthall, indicando que não pode ser entendida sem se levar em conta seus aspectos parareligiosos. Embora o presente estudo possua um caráter exploratório, algumas hipóteses do que seria essa religiosidade implícita da Naturologia são possíveis de serem traçadas. Acredita-se que os seis critérios restantes que não foram encontrados podem também estar presentes na área. Porém, o método de análise (pesquisa bibliográfica) não foi favorável à sua observação, exigindo mais estudos.

Considera-se, com base nas discussões dos CONBRANATU e outros eventos da área, que os critérios *altruísmo* e *missionarismo*, em específico, façam parte dos comportamentos de naturólogos no Brasil, mas se presume que sua observação seria mais clara em contato direto com essa população. Para outros critérios, como *estados extáticos de consciência* e *rituais*, os dados encontrados e a literatura publicada não permitem maiores lucubrações.

A última realidade recebeu, conforme se demonstrou, diversos nomes pelos naturólogos. Mas independente da forma como eles a chamaram, manteve-se a noção de que a realidade é organizada ao redor desse “centro” mantenedor da ordem cósmica; dele toda a realidade emana ou se manifesta, estando interligada holisticamente. Essa seria uma das características centrais ao que se pode traçar como a provável religiosidade implícita da Naturologia. Como resultado, como tudo deriva desse “centro”, então tudo é uma manifestação dele também. Possivelmente a noção de que todos os caminhos levam ao mesmo “destino” seja o motivo dessa pluralidade de nomes, porém mais estudos seriam necessários para confirmar isso entre os naturólogos.

Outro ponto importante dessa possível religiosidade implícita é a crença de que o naturólogo é o profissional que veio reformar o modo como a sociedade encara a saúde. Seu papel como transformador, salvador, revolucionário, pioneiro ou vanguardista foi muito ressaltado nos textos de ambos os eventos; em alguns deles, inclusive, assumindo até mesmo o papel de ressignificador da forma como lidamos com a morte e com os processos de luto. No FCN, os textos deram a entender que essa reforma iria além, dando-se também por vias acadêmicas: os autores afirmaram a importância da construção de novos paradigmas para se estudar a saúde, preconizando que o naturólogo seria o profissional com as melhores condições de construir esse novo conhecimento para atualizar ou suplantiar os saberes médicos tradicionais, considerados comumente ultrapassados.

REFERÊNCIAS

ADLER, Margot. *Drawing down the moon: witches, druids, Goddess-worshippers and other pagans in America*. ed. rev. amp. New York: Penguin, 2006.

ANDERSON, David R.; SWEENEY, Dennis J.; WILLIAMS, Thomas A. *Estatística aplicada à administração e economia*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ARRUDA, Ana Paula Corrêa Castello Branco Nappi; TURRINI, Ruth Natalia Teresa. Espiritualidade e religiosidade: interfaces com a saúde e com as práticas integrativas e complementares. In: RODRIGUES, Daniel Maurício de Oliveira *et al.* *Naturologia: diálogos e perspectivas*. Palhoça: UNISUL, 2012, p. 197-219.

BAILEY, Edward. Implicit religion. In: CLARKE, Peter (Org.). *The Oxford handbook of the Sociology of Religion*. Oxford: Oxford University, 2009. p. 801-816.

- BARROS, Nelson Filice de; LEITE-MOR, Ana Claudia Moraes Barros. Naturologia e a emergência de novas perspectivas na saúde. *Cadernos Acadêmicos*, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 2-15, 2011.
- BELCHIOR, Gustavo Moreira. Natura ambulante. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- BENTHALL, Jonathan. *Returning to religion: why a secular age is haunted by faith*. London: I. B. Tauris, 2008.
- CALLIS, Andrea Lucilla Lanfranchi de; RIBEIRO, Liliane. Símbolo integralidade. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- CHRISTOFOLETTI, Flávia Cestaro. *Educação para morte com idosos: uma visão naturológica sobre o profissional*. 2011. 106 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CURY, Diogo Marques Nogueira. A árvore da vida. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- EBLING, Luiz Osório Guaraldi. Naturologia. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZALEZ, Ananda Lopes Carneiro. Encontro com o Eu. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 2., 2013, São Paulo. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2013.
- GUEDES, Fernando Schuind da Costa. A pomba com um ramo de oliveira ao bico. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HANEGRAAFF, Wouter Jacobus. *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996.
- HELLMANN, Fernando (Org.); WEDEKIN, Luana Maribele (Org.); DELLAGIUSTINA, Marilene (Org.). *Naturologia aplicada: reflexões sobre saúde integral*. Palhoça: UNISUL, 2008.

- HELLMANN, Fernando (Org.); WEDEKIN, Luana Maribele (Org.). *O livro das interações: estudos de casos em Naturologia*. Tubarão: UNISUL, 2008
- KORNIN, Alan. Estudo teórico para o símbolo da Naturologia. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- LEITE-MOR, Ana Claudia Moraes Barros. Ideias de uma filosofia renegada: Gabriel Tarde, Bruno Latour e algumas contribuições a construção da Naturologia. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.apanat.org.br/_upload/repository/anais12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2014.
- LONGO, Bruno Tosetto. *O efeito do tratamento naturoológico sobre o bem-estar espiritual*. 2014. 16f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Naturologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2014.
- MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MORI, Henry. Escada espiral. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 1., 2012, Florianópolis. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2012.
- NASCIMENTO, Belchior Torres do. Naturanos. In: JORNADA DE ESTUDO DO SIMBOLISMO DA NATUROLOGIA, 2., 2013, São Paulo. *Arquivos eletrônicos...* São Paulo: APANAT, 2013.
- NESTI, Arnaldo. Implicit religion. In: JONES, Lindsay (Org.) *Encyclopedia of religion*. 2ª ed. Farmington: Thomson Gale, 2005, pp. 4400-4402.
- OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Da Nova Era à New Age popular: as transformações do campo religioso brasileiro. *Caminhos*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 141-157, 2011.
- PINTO, Rafael Link. [Sem título]. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.apanat.org.br/_upload/repository/anais12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2014.
- PORTELLA, Caio Fábio Schlechta. Contribuições filosóficas para o entendimento do processo terapêutico do naturólogo. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.apanat.org.br/_upload/repository/anais12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2014.
- _____. Reflexões acerca da Naturologia, transdisciplinaridade e as racionalidades médicas. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 4., 2013, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.apanat.org.br/noticias/eventos/anais-vi-conbranatu/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.
- RODRIGUES, Daniel Maurício de Oliveira (Org.); et al. *Naturologia: diálogos e perspectivas*. Palhoça: Unisul, 2012.

SILVA, Adriana Elias Magno da. *Naturopatia: um diálogo de saberes*. 2012. 214 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Conceitos e definições: o caminhar da Naturopatia. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 4., 2013, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.apanat.org.br/noticias/eventos/anais-vi-conbranatu/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

SOUZA, Laís Madalena de Paula. Pluralidade de saberes e intersubjetividade: estudo da prática naturopática. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.apanat.org.br/_upload/repository/anais12.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2014.

TEIXEIRA, Diogo Virgílio. *Integridade, interagência e educação em saúde: uma etnografia da Naturopatia*. 2013a. 112 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

_____. As racionalidades médicas, o diálogo entre saberes e a Naturopatia: reflexões para uma definição. In: FÓRUM CONCEITUAL DE NATUROLOGIA, 4., 2013b, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.apanat.org.br/noticias/eventos/anais-vi-conbranatu/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

LISTA DE SIGLAS

CONBRANATU – Congresso Brasileiro de Naturopatia.

FCN – Fórum Conceitual de Naturopatia.

JESN – Jornada de Estudo do Simbolismo da Naturopatia.

UAM – Universidade Anhembi-Morumbi.

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina.